ENTRE DIÁLOGOS E AÇÕES: DOS "FEMINISMOS" AO IMPLICAR-SE "FEMINISTA"*

ALICE DE ALENCAR ARRAES CANUTO**
LENISE SANTANA BORGES***

Resumo: *neste artigo, exploramos noções sobre feminismo e feministas a partir dos discursos de universitárias/os. Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, ancorada nas perspectivas sócio-construcionista e feminista. A maior parte dos/las universitárias/os se mostra sensível às questões de gênero e considera que o feminismo tem importância na atualidade. Entretanto, nota-se um distanciamento entre aquilo que é percebido e a possibilidade de ação.*
.
Palavras-chave: *Psicologia social. Construcionismo social. Feminismos. Gênero. Universidade.*

Eu mesma nunca consegui descobrir exatamente o que é feminismo: só sei que as pessoas me chamam de feminista toda vez que expresso sentimentos que me diferenciam de um capacho.
(Rebecca West).

Embora a perspectiva feminista[1], para muitas/os, possa soar como uma perspectiva pouco familiar, a constatação de que existem desigualdades a serem superadas, sobretudo no sentido de um reconhecimento de que os direitos das mulheres são direitos humanos (CORRÊA; JANNUZZI; ALVES, 2003) é tributária a inúmeros impactos dos movimentos de mulheres e feministas. Contudo, essas e outras conquistas mobilizadas por um ideário feminista, parecem ser desconsideradas, tendo o "feminismo" como um de seus lugares de origem, e as "feministas" como uma das suas atrizes/atores sociais por excelência.

* Recebido em: 05.07.2013.
Aprovado em: 20.08.2013.

** Graduada em Psicologia pela PUC Goiás. E-mail: aliceaacanuto@gmail.com.

*** Doutora em Psicologia Social pela PUC São Paulo, Professora dos Programas de Graduação e Pós-graduação da PUC Goiás, Pesquisadora do Programa Interdisciplinar da Mulher em Estudos e Pesquisas (PIMEP), co-fundadora do Grupo Transas do Corpo. E-mail: esinel@uol.com.br

Talvez essa invisibilização do feminismo possa ser explicada pela criação e naturalização de alguns estereótipos sobre os "feminismos" e as "feministas", como por exemplo: "mulheres que querem se vingar de homens", "mulheres machas", "mal-humoradas", "mal-amadas", "lésbicas", dentre várias outras afirmações etc. (MARSON, 1996; NOGUEIRA, 2001; SOIHET, 2005; SORJ, 2005). As formas como os feminismos e as feministas têm sido retratadas, constituem-se como temas centrais desse estudo.

A partir de uma breve revisão bibliográfica sobre pesquisas que abordam os temas "feminismo" e "gênero", em especial no contexto da Psicologia no Brasil, percebe-se que eles são incorporados ainda de forma marginalizada (BORGES et al., 2013; KOLLER, NARVAZ, 2007). De modo geral, tratam-se de pesquisas exploratórias cujo foco se dirige para a percepção relações de gênero, tentando compreender alguns dos impactos feministas, por exemplo, como homens e mulheres percebem e/ou administram a vida doméstica/pública, sem, contudo, explorar as noções atribuídas ao feminismo (ARAÚJO; SCALON, 2005).

Paralelamente, o campo das políticas públicas tem adotado preferencialmente também uma linguagem que recorre ao termo gênero, em detrimento do feminismo para enunciar seus propósitos, como por exemplo, quando afirma preocupar-se com a elaboração de políticas públicas e programas inclusivos que tangenciam questões de gênero e interseccionalidades.

O que parece paradoxal é que, apesar de haver um incremento de estudos/ pesquisas, programas governamentais, que afirmam utilizar a "perspectiva de gênero", não se tem creditado ao "feminismo" o lugar de origem desse ideário. Para algumas pessoas, inclusive, não há mais lugar para se falar em feminismo, tendo inclusive, sua morte recorrentemente anunciada (HAWKESWORTH, 2006).

Em face dessa breve descrição, sobre o uso e o ocultamento do pensamento feminista, coloco em questão o próprio cenário da formação acadêmica. O desafio que se apresenta consiste no objetivo de apreender quais noções os/as universitários/as atribuem ao feminismo, às feministas e às relações de gênero.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Essa pesquisa ancora-se no referencial teórico do Construcionismo social (GERGEN, 2009; IBÁÑEZ, 1994, 2004; IÑIGUEZ, 2002, 2003) e nos estudos de gênero e feministas (SCHIENBIENGER, 2001; HEMMINGS, 2009; GONÇALVES; PINTO, 2011), orientada pela metodologia das Práticas discursivas e Produção de sentidos no Cotidiano (SPINK, 2000, 2004).

O termo práticas discursivas refere-se á linguagem em uso, em movimento, em uso dialógico, inclui tanto os aspectos performáticos como as condições de sua produção (SPINK, 2004). As práticas discursivas são entendidas como linguagem em ação, são as maneiras pelas quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas. Um dos elementos de análise das práticas discursivas e foco desta pesquisa consiste na identificação dos repertórios interpretativos. Segundo Spink (2004), repertórios interpretativos são o conjunto de termos, lugares-comuns e descrições usados em construções gramaticais e estilísticas específica.

A postura construcionista, aliada a uma leitura feminista permite compreender a produção do conhecimento como algo construído mediante determinadas práticas humanas, na qual os discursos e a linguagem empregados variam segundo o contexto social e histórico

específico.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esse estudo, foi utilizada a metodologia das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano. Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, que se ancora no referencial teórico do Construcionismo Social, nas leituras feministas e nos estudos feministas de gênero.

Esta pesquisa se propôs a investigar os discursos de universitários/as da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), que estejam em distintas áreas do conhecimento; assim, contou com a participação de estudantes matriculadas/os nos cursos de: a) Matemática, das Ciências Exatas; b) Medicina, das Ciências da Saúde; c) Psicologia, das Ciências Humanas; d) Serviço Social, das Ciências Sociais Aplicadas. Como essa divisão em "áreas" das ciências é bastante tênue e controversa, optamos pela "tabela de áreas" definida segundo a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Foi utilizada a aplicação de um questionário não validado, com 16 questões, 10 abertas, e 06 fechadas, com perguntas sobre as percepções dos/as universitários a respeito do tema "feminismo". Perguntava-se se os/as estudantes já tinham ouvido falar em "feminismo", e o que, para eles/as, seria o "feminismo", bem como algumas questões relativas às relações de gênero. Ressalta-se, todavia, que o termo "gênero" não foi utilizado explicitamente no questionário; houve apenas alusões do que seriam essas diferenças entre "homens" e "mulheres" em suas vidas pessoais.

O projeto visou atender às recomendações da Resolução nº 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia, e nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, referentes à conduta ética na pesquisa com seres humanos. A pesquisa contou com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que elucidava, de forma clara e acessível, do que se tratava a pesquisa, frisando o caráter voluntário e confidencial daqueles/as que decidissem participar dela. O projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás e aprovado[2].

Em razão de a quantidade de alunas/os matriculadas/os nos cursos ser bem distinta – Matemática, com 114 alunas/os; Medicina, com 538; Psicologia, com 1080; e Serviço Social com 365 –, optamos por levar em conta a porcentagem de 10% do total de cada curso, considerada uma margem aceitável de parâmetro de validade. Assim, foi aplicado um total de 219 questionários, sendo 16, na Matemática; 57, na Medicina; 108, na Psicologia; e 38, no Serviço Social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos/as 219 universitárias/os que responderam à pesquisa, 76% são do sexo feminino; e 24% do sexo masculino. Em relação a faixa etária, 52% situam-se na faixa entre 18-22 anos; 28% entre 23-27; 12% entre 28-32; 6% entre 33-40; 3% entre 41-50; e 1% entre 51-60. Do ponto de vista da raça/etnia, 48% declararam-se "brancas/os"; 42%, "pardas/os"; 5% "pretas/os"; 4% "amarelas/os"; 1% não responderam; e nenhum/a aluno/a se declarou "indígena". No quesito sexualidade, 81% responderam relacionar-se com o sexo oposto; 10% com ambos os sexos; 8% com o mesmo sexo; e 1% não responderam. Abaixo, apresentamos a caracterização sociodemográfica dos/as participantes pelos respectivos cursos, Matemática

(figura 1), Medicina (figura 2), Psicologia (figura 3) e Serviço Social (figura 4):

Figura 4: Dados sociodemográficos dos/as participantes do curso de Serviço Social da PUC Goiás.

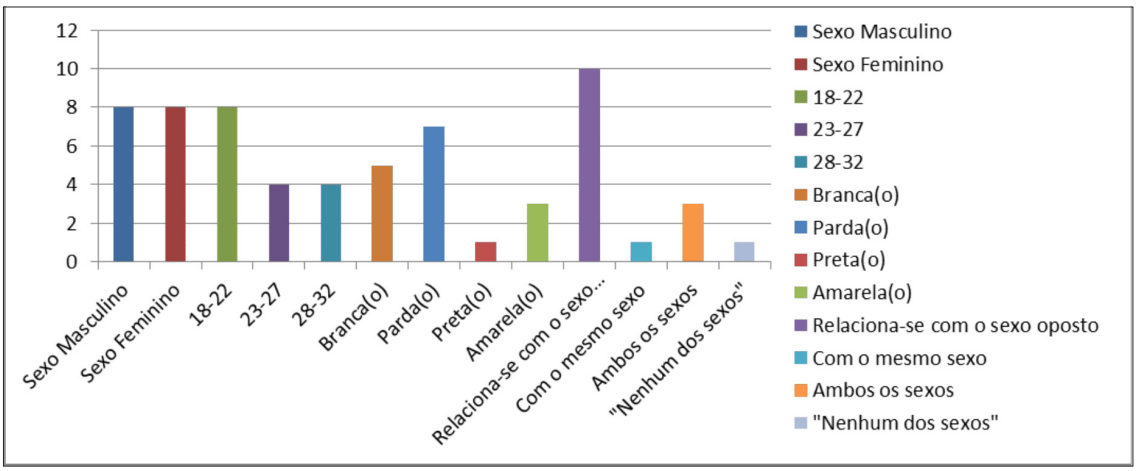


Figura 1: Dados sociodemográficos dos/as participantes do curso de Matemática.

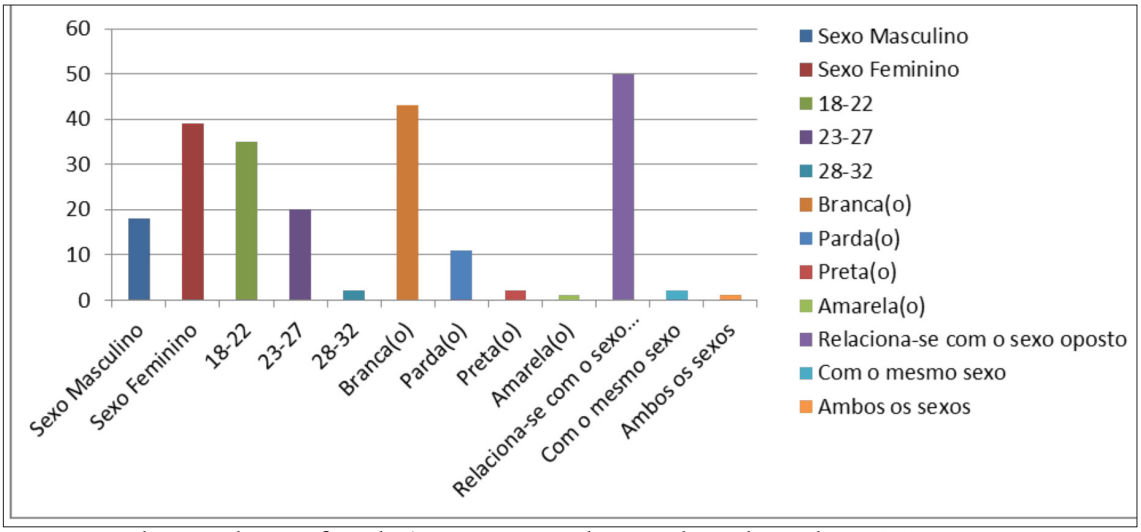


Figura 2: Dados sociodemográficos dos/as participantes do curso de Medicina da PUC Goiás.

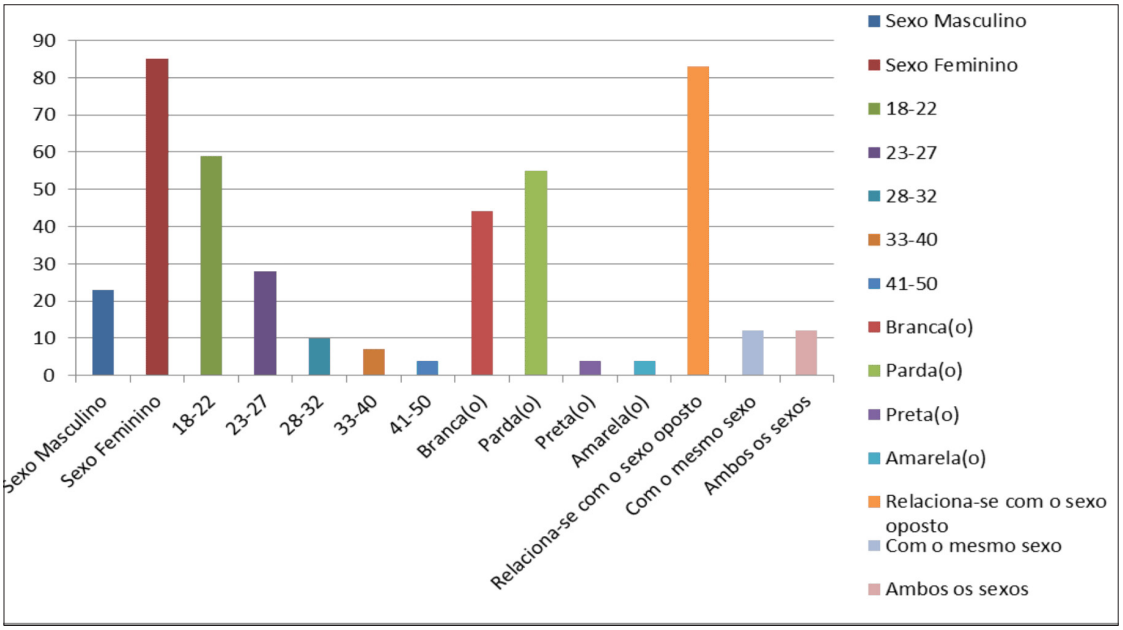
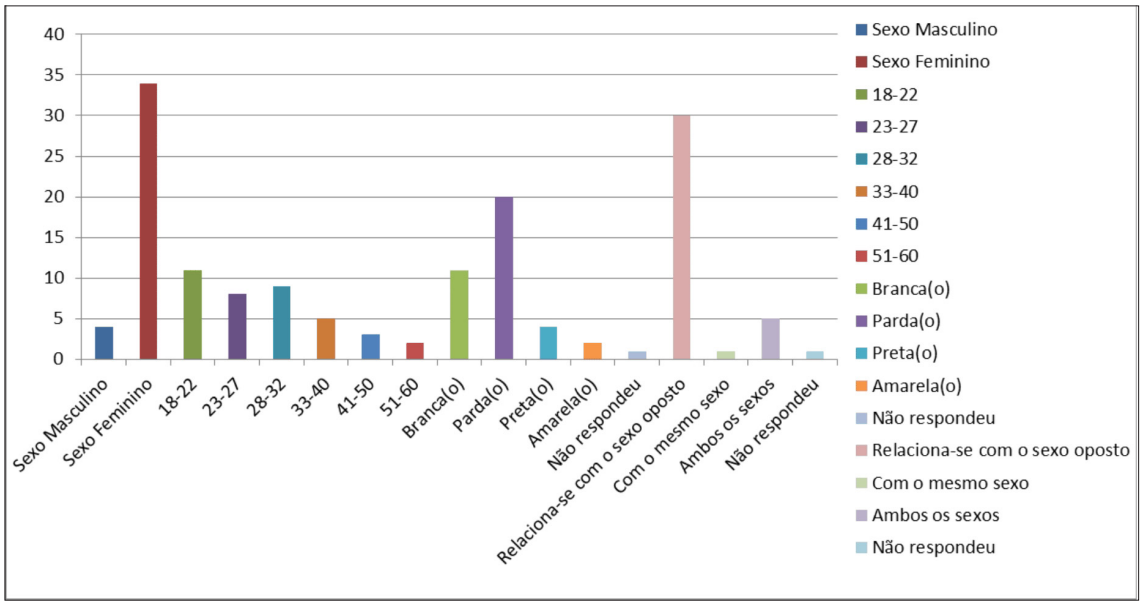


Figura 3: Dados sociodemográficos dos/as participantes do curso de Psicologia da PUC Goiás.



Tomaremos para análise nesse artigo as questões de número 04, 05, 08, 11 e 15. Propomos a leitura em duas sequências, assim desenvolvidas: nas questões 04 e 05, a leitura é orientada pelos respectivos cursos – Matemática, Medicina, Psicologia e Serviço Social –, com trechos e exemplos de algumas respostas das/os estudantes. As questões 08 e 11 são orientadas pelo uso de tabelas que apresentam os repertórios interpretativos. Na questão 15, retomamos a forma de leitura inicial, a ser orientada pelos respectivos cursos, com trechos e exemplos de respostas.

Nas questões de número 04 e 05, buscava-se identificar os sentidos atribuídos a "gênero", bem como investigar se as/os estudantes são sensíveis à discussão de gênero nos respectivos cursos. Nas questões 08 e 11, o foco era identificar os repertórios utilizados pelos/as estudantes em relação aos "feminismos" e às "feministas". Na questão 15, buscava-se, além dos repertórios designados ao "feminismo", identificar quais as concepções sobre o "feminismo" nos dias de hoje, e se os/as estudantes indicavam ações/propostas de engajamento para uma menor desigualdade entre homens e mulheres.

A questão 04 foi antecedida por perguntas que interrogavam sobre a percepção do/a estudante em relação à proporção de mulheres e homens no corpo discente (questão 01) e docente (questão 02), e sobre as relações entre homens e mulheres a partir do processo de socialização (questão 03). Na questão de número 04, perguntava-se "Em algum momento reflexões como essas aparecem no seu curso? Dê exemplos". Por tratar-se de uma pergunta que não se restringia a conteúdos programáticos das disciplinas ou a reflexões necessariamente mediadas por um/a professor/a, a questão objetivava possibilitar os mais variados entendimentos e percepções relacionadas a discussões sobre as relações entre homens e mulheres.

No curso de Matemática, na questão 04, dos/as 16 estudantes, 12 responderam que sim, essas reflexões apareciam; três responderam que não; e um não respondeu.

Das 12 respostas afirmativas, seis estudantes disseram que a discussão aparecia apenas em algumas disciplinas específicas - "Cultura e cidadania", "Psicologia", "Sociologia" e "Teologia" -; dois/as destacaram que homens e mulheres, hoje, têm a mesma oportunidade de entrada no mundo do trabalho; dois/as trouxeram aspectos da socialização histórica entre homens e mulheres; e dois/as se basearam em como percebem a quantidade de alunas e alunos no curso.

Na resposta de como percebem a quantidade de homens e mulheres, segue uma das respostas:

> Sim. Quando entramos no curso e nos deparamos que a sala é composta por mais de 90% dos homens. (estudante, sexo masculino, 21 anos, preto, relaciona-se com mulheres).

As respostas chamam a atenção para um aspecto importante, o da percepção dos/as estudantes para a desproporcionalidade entre o número de homens e mulheres no curso de Matemática. Os/as estudantes constatam que essa maior quantidade de "homens" no curso já denotaria um indicativo das desigualdades entre homens e mulheres.

Em cursos da área de Exatas, valores como objetividade, racionalidade tecnológica, competitividade são comumente associados à masculinidade (CARVALHO, 1999), valores dos quais os homens seriam "naturalmente dotados". Entretanto, esse pressuposto de que tais predicados seriam pertencentes aos homens não parte de uma "natureza interior", mas sim das construções sociais.

Ainda no ensino médio, nos livros didáticos de Matemática, é possível encontrar – por meio dos enunciados e ilustrações presentes no material – imagens, figuras e sentenças que reforçam formas estereotipadas no modo de apresentar as figuras dos "meninos" e das "meninas" (BORGES; GONÇALVES; PINTO, 2013). Embora não haja um "gênero" que faça ciência (KELLER, 2006), as relações de gênero não são periféricas à ciência, mas estruturam aspectos básicos (SCHIENBIENGER, 1999), que podem valorizar ou reforçar predicados tidos como masculinos, em determinadas áreas da produção do conhecimento.

No trecho abaixo a questão da "maternidade" é referida como uma causa de "evasão" escolar por parte das alunas:

> Sim, por exemplo, mulheres que ficam grávidas e param de estudar. (estudante, sexo masculino, 22 anos, amarelo, relaciona-se com mulheres).

Alguns estudos corroboram com a resposta do estudante de que é frequente o abandono dos estudos em casos de gravidez precoce, o que leva a uma menor chance de qualificação profissional na vida das mulheres (ESTEVES; MENANDRO, 2005). Na pesquisa de Schienbinger (1999), a autora destaca que ter filhos diminui as oportunidades de a mulher se desenvolver nos estudos, porque "uma mãe tem menos tempo para passar no laboratório e menos flexibilidade em suas horas; e, até recentemente, ela podia não ser considerada uma cientista séria" (p. 102).

Na mesma direção da questão 04, indagava-se com a questão 05: "Você considera importante inserir tais reflexões?". Opções de resposta: A) Sim, B) Acho que sim, C) Talvez, D) Acho que não, e E) Não. Das/os 16 estudantes, 12 responderam "sim", é importante; dois responderam "talvez"; um "achou que não" e um afirmou "não". Ao pensar na possibilidade de inserir tais reflexões no curso, a maioria dos/as alunos/as considerou afirmativamente, o que indica interesse por parte dos/as estudantes em participar desse debate.

No curso de Medicina, na questão 04, ao serem perguntados/as se reflexões de gênero apareciam no curso; dos/as 57 participantes do curso de Medicina, 20 afirmaram que não; 12 afirmaram que essas reflexões apareciam na escolha das especialidades médicas; oito disseram que raramente; seis disseram que sim, utilizando argumentos como: o fato de ainda existir uma diferença salarial entre homens e mulheres, a presença expressiva de mulheres

indicaria, por si só, reflexões sobre gênero e a exigência de dedicação aos estudos forçaria o abandono de relacionamentos.

Das 12 respostas que afirmavam que essas reflexões apareciam no momento das escolhas das especialidades médicas:

> Sim, quando dizem, por exemplo, que é preferível que mulheres façam alguma especialidade mais clínica e não cirúrgica, porque a última é mais pesada. (estudante, sexo feminino, 19 anos, branca, relaciona-se com homens).

Apesar de o curso de Medicina da PUC Goiás contar com um elevado número de alunas, a atuação de mulheres no curso de Medicina se dá mediante algumas condicionalidades, como o bom desempenho esperado em determinadas áreas consideradas como sendo de um lugar "feminino", como dermatologia, ginecologia, pediatria, geriatria, hebiatria, atividades, enfim, associadas ao "cuidado" ou consideradas "menos pesadas". Essa escolha por áreas mais "femininas" ou "masculinas" parece ser um pensamento que ecoa e ganha peso, além de ser reforçado nas relações estabelecidas entre os professores e alunos.

> O tratamento dos residentes para com acadêmicos e internos é muito mais intensa quando esses são do mesmo sexo masculino. Inclusive, a relação com os professores. (estudante, sexo feminino, 22 anos, branca, relaciona-se com homens).

Relações no espaço acadêmico representam relações sociais marcadas por gênero, que, a partir do discurso da "diferença", naturalizam desigualdades. No entanto, segundo alguns/as autores/as, o discurso acadêmico é o lugar que tenta ignorar o político de coisas que são eminentemente políticas (LATOUR; WOOLGAR, 1997).

Na questão 05, 43 estudantes que responderam que "sim", consideram importante inserir tais reflexões; cinco "acham que sim"; três consideram que "talvez"; cinco "acham que não"; e um afirma que "não". O que indica, novamente, uma maioria que considera importante inserir esse debate no seu curso.

No curso de Psicologia, na questão 04, das/os 108 participantes, 36 disseram que "raramente" apareciam essas reflexões; 24 disseram que "sim" e citaram as disciplinas; 21 afirmaram que essas reflexões nunca apareceram; 14 usaram exemplos que não se referiam ao curso em questão, isto é, ao foco da pergunta; nove argumentaram que tais reflexões apareciam, tomando como base a desproporção de mulheres e homens no curso; e quatro não responderam.

O que nos chama a atenção é o argumento da "desproporcionalidade", utilizado por alguns/as estudantes nas suas respostas, acionada como lugar para se pensar nas diferentes "posições" que mulheres e homens ocupam no curso:

> Há poucas vivências com homens em meu curso, contudo, percebo que os poucos ganham destaque em sala pela forma como se posicionam. (estudante, sexo feminino, 23 anos, branca, relaciona-se com homens).

Sabe-se que a produção científica não acontece de forma neutra e que a Psicologia não está imune a tendências universalizantes, androcêntricas e heteronormativas, que permeiam a ciência. Ela atua muitas vezes com tendências a universalizar seus conteúdos, ocultar e obscurecer os sujeitos dos/as quais se fala (FONSECA, 2008).

Apesar de ser um curso majoritariamente "feminino", ou seja, com uma maior proporção numérica de mulheres, é curioso notar que as "referências" citadas, geralmente, remetem aos "homens" ou àqueles a que se chama de "pais" da Psicologia. Pode-se dizer que o curso de Psicologia é constituído por uma maioria demográfica de mulheres, porém, no que se refere ao status e ao reconhecimento social, elas seriam, segundo Kurt Lewin, uma minoria psicológica, ou seja, um grupo desprovido de status e legitimidade (MAILHIOT, 1973).

Na questão 05, 196 (89%) estudantes responderam "sim", é importante inserir tais reflexões; nove disseram "achar que sim"; cinco responderam "talvez"; nove não responderam. Nenhum dos/as estudantes respondeu as opções "acho que não" ou "não".

No curso de Serviço Social, na questão 04, dos/as 38 participantes do curso, 20 responderam "sim", tais reflexões aparecem no curso; cinco responderam "não"; seis usaram exemplos que não se referiam ao curso em questão, isto é, ao foco da pergunta; três responderam "raramente", em algumas disciplinas específicas; dois argumentaram que tais reflexões apareciam tomando como base a desproporção de mulheres e homens no curso; e dois optaram por não responder. Abaixo uma resposta que confirma o contato com tais temáticas durante o curso:

> Sempre. No decorrer do curso tenho acompanhado conferências de mulheres, protesto do movimento feminista, luta por direitos etc. (estudante, sexo masculino, 20 anos, pardo, relaciona-se com mulheres).

As respostas a essa questão trouxeram, com mais ênfase, a reflexão das assimetrias e a necessidade de se produzirem formas de resistência, em que se inclui a participação de alguns/as das/os estudantes, evidenciando a própria história do curso de Serviço Social, marcado pelo envolvimento com as causas e movimentos sociais. Como apontam alguns estudos (MACHADO, 2012), o campo de formação das/os Assistentes Sociais está diretamente ligado ao trabalho com a educação popular e as mobilizações populares.

Na questão 05, 35 estudantes consideram que "sim", é importante inserir tais reflexões; um "acha que sim"; dois "acham que não", e nenhum das/os estudantes respondeu as opções "talvez" ou "não". Novamente, a maioria dos/as estudantes considera importante inserir tais reflexões no próprio curso.

Ampliando o olhar para as questões 04 e 05, as/os estudantes dos respectivos cursos – Matemática, Medicina, Psicologia e Serviço Social – se demonstraram interessadas/os pelo tema. Na questão 04, a maioria das/os estudantes se preocupou em elaborar as respostas a partir de elementos relativos à percepção das diferenças entre homens e mulheres, por exemplo, em como percebiam a questão da "desproporcionalidade" entre homens e mulheres, o reconhecimento das diferenças na escolha das "especialidades médicas", dentre outros. Na questão 05, 85% dos/as estudantes assinalaram que "sim", inserir tais reflexões nos cursos é importante.

Mais adiante, na questão 08, perguntava-se "Quando você pensa em feminismo, e feministas, o que te vem à cabeça?". Pretendia-se, nesta questão, convidar o/a estudante a expressar o que lhe "viesse primeiramente na ideia", uma imagem do que seria "feminismo"[3] e/ou "feministas" (Tabela 1):

Tabela 1: Repertórios relacionados ao "feminismo" e às "feministas", a partir das respostas dos/as estudantes dos cursos de Matemática, Medicina, Psicologia e Serviço social da PUC Goiás.

Matemática	- Feminismo: "Luta por direitos iguais"; "Igualdade dos sexos"; "A ideia de machismo ao contrário".
	- Feministas: "Feminista parece muito radical"; "Mulheres defendendo exageradamente algo"; "Radicalidade".
Medicina	- Feminismo: "Reivindicação de direitos"; "Luta pela equidade de gêneros"; "Fim da dominação do machismo".
	- Feministas: "Mulheres queimando sutiãs"; "Segurando cartazes"; "Rebeldia feminina"; "Lésbicas".
Psicologia	- Feminismo: "Luta por direitos iguais"; "Luta pelos direitos humanos"; "Valorização da mulher"; "Luta por respeito"; "Feminismo está relacionado ao sexo feminino"; "Machismo ao contrário".
	- Feministas: "Radicais"; "Orgulhosas"; "Queima de sutiãs"; "Mulheres que não dependem dos homens"; "Machistas ao contrário"; "Mulheres protestando"; "Histeria".
Serviço social	- Feminismo: "Luta pela igualdade"; "Luta por direitos iguais"; "Busca pela autonomia feminina"; "Revolta"; "Fanatismo"; "Impor direitos femininos"; "Defesa exacerbada pelos direitos femininos".
	- Feministas: "Mulheres de roupa bem grandes"; "Que não gostam de homens"; "Que querem o poder".

Os sentidos atribuídos ao "feminismo" e às "feministas" apresentam permanências e rupturas em relação as noções sobre os feminismos e as feministas mais comuns. No que se refere ao termo "feminismo", há uma tendência de sentidos mais voltados à esfera da "luta por dos direitos iguais", "luta pela igualdade", "luta pela equidade de gêneros", "luta por respeito", "direitos humanos", dentre outros. Ao que é indicado pelas respostas, os sentidos atribuídos a ideia de "feminismo" parecem conferir um lugar de mais centralidade à ideia dos "direitos" e da "equidade entre gêneros".

Já os sentidos atribuídos as "feministas" aparece vinculado a uma série de estereótipos, como os de "radicalidade", "rebeldia feminina", "lésbicas", "histéricas", "mulheres de roupa bem grandes". Esses repertórios representam parte do que circula no imaginário das pessoas, de qual seria a imagem de uma "feminista" (MARSON, 1996; NOGUEIRA, 2001; SORJ, 2005; SOIHET, 2005).

Na questão 09, perguntava-se "Você conhece muitas feministas?", e na questão 10, "Você se considera um/a feminista?", questões fechadas.

Em seguida, na questão 11, era perguntado "O que você já ouviu falar sobre as feministas? Responder todos os itens a seguir". Em seguida, sugeriam-se cinco dos estereótipos mais comuns designados às "feministas", na seguinte ordem: A) "Feministas são mal-amadas e vivem de mal-humor"; B) "Feministas lutam por justiça e equidade social"; C) "Feministas não gostam de homens"; D) "Feministas são autônomas e independentes"; E) "Feministas querem tomar o lugar dos homens". Cada uma das afirmativas continha as opções "Sim", "Acho que sim", "Talvez", "Acho que não" e "Não", para serem assinaladas.

Na Tabela 2, optamos por agrupar os "Sim" e "Acho que sim", os "Não" e "acho que não", no sentido de perceber quais eram as tendências das respostas.

Tabela 2. Respostas da questão de número 11, "O que você já ouviu falar sobre as feministas?".

Cursos	Sim ou Acho que sim	Talvez	Não ou Acho que não	Não respondeu
Matemática	12%	25%	63%	-
Medicina	23%	16%	61%	-
Psicologia	38%	9%	53%	-
Serviço social	30%	5%	63%	2%

Cursos	Sim ou Acho que sim	Talvez	Não ou Acho que não	Não respondeu
Matemática	75%	19%	6%	-
Medicina	85%	14%	1%	-
Psicologia	88%	6%	6%	-
Serviço social	82%	10%	8%	-

Cursos	Sim ou Acho que sim	Talvez	Não ou Acho que não	Não respondeu
Matemática	12%	25%	63%	-
Medicina	20%	16%	64%	-
Psicologia	34%	9%	57%	-
Serviço social	30%	2%	66%	2%

Cursos	Sim ou Acho que sim	Talvez	Não ou Acho que não	Não respondeu
Matemática	38%	50%	12%	-
Medicina	63%	30%	7%	-
Psicologia	70%	18%	12%	-
Serviço social	69%	16%	13%	2%

Cursos	Sim ou Acho que sim	Talvez	Não ou Acho que não	Não respondeu
Matemática	19%	31%	50%	-
Medicina	25%	21%	54%	-
Psicologia	32%	13%	55%	-
Serviço social	30%	2%	66%	2%

Nessa questão, os resultados apontam que apesar de ainda permanecerem alguns estereótipos, há uma predominância nas respostas do grupo em não reproduzir alguns dos estereótipos mais comuns designados às "feministas". Já na questão anterior – questão 08 – é possível visualizar, a reprodução de alguns estereótipos com mais clareza, por meio de termos como: "exagero", "radicalidade", "orgulhosas"; "histeria", entre outros.

Na questão 15, perguntava-se "Baseada/o nas respostas anteriores, você acha que o feminismo pode ser importante ainda nos dias atuais? Se sim ou se não, justifique de forma breve por que". O intuito era estimular que os/as estudantes refletissem sobre o/s feminismo/s e sua importância nos dias atuais. Das/os 219 participantes, 82% consideraram que "sim", o feminismo ainda é de suma importância nos dias atuais.

No curso de Matemática, dez estudantes responderam que "sim", é importante, cinco responderam que "não" e um argumentou que "talvez". Segue abaixo um dos argumentos utilizados das respostas afirmativas:

> Sim, pois com ele as mulheres obtiveram varias aberturas nas áreas profissionais políticas e outras e vem conquistando vários espaços na sociedade. (estudante, sexo feminino, 29 anos, parda, relaciona-se com homens).

Das/os dez estudantes, dois fizeram ressalvas quanto ao fato de o feminismo ser importante nos dias atuais:

> Sim. Porém já estamos quase mudando de lado, pois antigamente o machismo prevalecia e hoje já nos encontramos em um quadro oposto. O interessante é encontrarmos um equilíbrio em tudo isso. (estudante, sexo masculino, 24 anos, pardo, relaciona-se com mulheres).

Cinco estudantes responderam que "não", o feminismo não tem mais importância nos dias atuais. Para exemplificar, utilizamo-nos de uma resposta:

> Não. Hoje a mulher já conseguiu a ascensão que tanto precisava, lógico as vezes precisamos nos dedicar mais que os homens para conseguir determinados objetivos. Porém se formos persistentes e determinadas atualmente não só conseguimos nos igualar como, algumas vezes, ser superiores a eles. (estudante, sexo feminino, 23 anos, branca, relaciona-se com ambos).

No curso de Medicina, na questão 15, dos/as 57 estudantes, 44 disseram que "sim", o feminismo é importante nos dias atuais; nove responderam que "não"; um respondeu "não ter uma opinião formada" sobre o assunto; e três não responderam. Dos/as 44 estudantes que responderam "sim", em quatro, as ressalvas quanto ao "radicalismo" do feminismo se repetiram:

> Sim. É importante para lutar pelos direitos das mulheres, lembrando que não se deve ter radicalismo. (estudante, sexo feminino, 21 anos, parda, relaciona-se com homens).

Repertórios como "gênero", "equidade", "igualdade", "direitos" são utilizados com maior frequência para pensar a importância do/s feminismo/s na atualidade:

> Sim, pois ainda há muita desigualdade de gênero em todas as esferas da sociedade e o feminismo luta por direitos iguais independentemente de gênero. (estudante, sexo feminino, branca, 19 anos, relaciona-se com homens).

No curso de Psicologia, na questão 15, 94 disseram que "sim", o feminismo é importante nos dias atuais; desses/as alunos/as, oito argumentaram sobre a importância do feminismo, com alguns "cuidados"; cinco disseram que "não"; quatro consideraram que "talvez"; um disse "não saber"; e quatro não responderam. Abaixo um exemplo:

> Claro que sim. O feminismo é uma ferramenta social para um mundo menos desigual e cheio de preconceitos. (estudante, sexo feminino, 18 anos, branca, relaciona-se com ambos).

Das/os 94 estudantes que responderam, oito fizeram ressalvas quanto à questão da "radicalidade" feminista:

> Não vejo necessidade de um movimento do tipo 'grupo terror', porém as reflexões ainda precisam ser feitas, já que apesar da igualdade enquanto humanos, a discriminação negativa ainda existe. (estudante, sexo masculino, 35 anos, branco, relaciona-se com mulheres).

Uma das estudantes citou um exemplo da questão de mulheres que ganham menos que homens:

> Sim! O feminismo pode ser importante nos dias atuais, as mulheres devagar estão conseguindo seu espaço a muito que lutarem. Em empresas em cargos de alto escalão mulheres ainda ganham menos que os homens. (estudante, sexo masculino, 24 anos, branco, relaciona-se com homens).

No curso de Serviço Social, na questão 15, 31 consideram que "sim", o feminismo é importante nos dias de hoje; três responderam que "não"; e quatro não responderam:

> Sim, mesmo com as conquistas históricas ainda temos mulheres sendo violentadas, estupradas e desrespeitadas de todas as formas e a maior violência ocorre em casa, muitas das vezes é sacrificada em nome da família e por dependência financeira. (estudante, sexo feminino, 26 anos, parda, relaciona-se com homens).

Nessa questão, respostas que abordam o tema da violência contra a mulher foram frequentes no curso de Serviço Social. Assim, o feminismo foi citado como importante enquanto um lugar emancipador para essas mulheres.

A partir das respostas das/os estudantes à questão 15, é possível visualizar que uma maioria considera o feminismo como um movimento importante, mas nota-se pouco envolvimento das/os alunas/os com o feminismo e, muitas vezes, um receio ou um desconhecimento. Os discursos se isentam ou se afastam da noção política do que poderia sugerir o feminismo.

ALGUMAS REFLEXÕES E POSSÍVEIS CAMINHOS

O caminho percorrido nesta pesquisa possibilitou apreender um movimento distinto quanto às ideias sobre feminismo e as ações decorrentes dessas ideias. O feminismo, ao ser acionado como uma "representação" ou uma ideia tributária aos movimentos feministas é referido como algo mais ligado à esfera dos direitos humanos; no entanto, quando acionado como uma "ação" ou uma prática nomeadamente feminista, uma série de estereótipos relacionados às feministas são destacados.

Analogamente a questão do "racismo", a percepção sobre o "feminismo", enquanto um ideário não deixa dúvidas de que são dois fenômenos sociais que são reconhecidos publicamente. Mas, quando tais ideias são acionadas e relacionadas com a prática das pessoas no cotidiano percebe-se aí uma discrepância entre se reconhecer e se implicar como "racista" ou como "feminista". Obviamente, sabemos que as ideias de "racismo" e "feminismo", em seus sentidos semânticos, desdobramentos e efeitos, são totalmente diferentes.

Esse movimento pode ser constado pela esmagadora maioria de respostas favoráveis a importância do feminismo (82%), e a necessidade da incorporação da temática de gênero nos respectivos cursos (89%), mas em outras questões, quando interpelados/as a se implicarem e se posicionarem numa postura mais crítica, ou nomeadamente feminista, aparece uma notável discrepância. Tal discrepância nos remete ao paradoxo mencionado na introdução deste trabalho. Apesar da importância conferida a uma perspectiva de gênero em diversas esferas de poder e acadêmicas, a incorporação de termos como "feminismo" e "feministas" parece resistir, noções as quais eles/elas tratam de evitar e se distanciar.

Vale notar que, apesar do tema ter causado certo estranhamento inicialmente, ao longo das respostas pudemos perceber tentativas de ressignificar as noções sobre feminismos e feministas. Partindo de discursos mais "estereotipados" eles/as puderam atribuir "outros" sentidos ou, ao menos, reflexões potenciais sobre os feminismos e as feministas. Entendemos que por meio da linguagem são acionadas práticas sociais e discursivas em um determinado contexto e local, pelas quais se constrói e se dá sentido ao mundo (GERGEN, 2009). As práticas sociais e discursivas são empreendimentos ativos, como ações políticas, que têm efeitos (NARVAZ, 2009).

De forma geral, algumas questões centrais do ideário feminista parecem ter alcançado a forma como as/os estudantes discorrem sobre as questões de gênero, no sentido de perceberem que existem diferenças entre "homens" e "mulheres", e destacarem isso como algo que constrói desigualdades nos respectivos cursos e carreiras profissionais. Apesar dessa "sensibilidade", a conexão com a "efetividade", ou seja, pensar propostas de mudanças a fim de desconstruir essas "diferenças", ou entender que o discurso das "diferenças" cria e mantêm desigualdades sociais, não se estabelece. Parece haver um distanciamento entre aquilo que se percebe como desigualdade e a possibilidade de empreender ações cotidianas no sentido de transformá-las.

BETWEEN DIALOGUES AND ACTIONS: OF "FEMINISMS" TO IMPLYING ONESELF AS "FEMINIST"

Abstract: *in this paper we explore notions of feminism and feminists from the speeches of academics. This is a quanti-qualitative research, anchored in social-constructionist and feminist perspectives. Most academics turns out sensitive to gender issues and believes that feminism has significance today. However, there is a gap between what is perceived and the possibility of action*.

Keywords: *Social psychology. Social constructionism. Feminisms. Gender. University.*

Notas

1 Tomo de empréstimo a compreensão de Borges (2008, p. 35) do feminismo como um movimento social, "não homogêneo, de luta das mulheres por igualdade de direitos civis, econômicos, sociais e políticos".

2 O projeto foi aprovado com o número CAAE: 02708012.6.0000.0037.

3 Segundo o Dicionário Aurélio, feminismo: "S.m. 1. Movimento daqueles que preconizam a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher, ou a equiparação dos seus direitos ao homem. 2. Med. Presença, congênita ou adquirida, de características sexuais secundários femininos em homem"; e, feminista: "Adj. 1 Relativo ao, ou próprio do feminismo. 2. Que é partidário ou militante do feminismo. S. 3. Partidário ou militante dele".

Referências

ARAÚJO, C.; SCALON, C. Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BORGES, L. Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: posibilidades de legitimação e de transgressão. Tese (Doutorado) – Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BORGES, L. et al. Abordagens de gênero e sexualidade na produção de conhecimento em psicologia: revendo conceitos, repensando práticas. Ciência e Profissão. No prelo, 2013.

BORGES, L.; GONÇALVES, E.; PINTO, J. Imagens que falam, silêncios que organizam: sexualidade e marcas de homofobia em livros didáticos brasileiros. Currículo sem Fronteiras, v. 13, n. 2, p. 35-61, 2013.

CARVALHO, M. Um olhar de gênero sobre as políticas educacionais. In: AUAD, D. et al. (Orgs.) Gênero e Educação. SP: SOF, p. 9-24, 1999.

CORRÊA, S.; JANNUZZI, P.; ALVES, J. Direitos e saúde sexual reprodutiva: marco-teórico conceitual e sistema de indicadores. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.abep.org.br/fotos/Dir_Sau_Rep.pdf> Acesso em: 15 out. 2012.

ESTEVES, J.; MENANDRO, P. Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência. Estudos de Psicologia, v. 10, n. 3, p. 363-370, 2005.

FERREIRA, A. B. Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

FONSECA, T. M. Psicologia e relações de gênero: o gênero da Ciência psicológica. In: ZANELLA, A. et al. (Org.) Psicologia e práticas sociais. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais on-line. p. 297-302, 2008.

GERGEN, K. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 299-325, 2009.

GONÇALVES, E.; PINTO, J. Reflexões e problemas da "transmissão" intergeracional no feminismo brasileiro. Cadernos Pagu, n. 36, p. 25-46, 2011.

HAWKESWORTH, M. A semiótica de um enterro prematuro: o feminismo em uma era pós-feminista. Estudos Feministas, Florianópolis, p. 737-763, 2006.

HEMMINGS, C. Contando estórias feministas. Estudos Feministas, Florianópolis, p. 215-241, 2009.

IBÁÑEZ, T. Psicologia Social construcionista. Universidade de Guadalajara, 1994.

_____. O giro linguístico. In: IÑIGUEZ, L. (Org.). Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

IÑIGUEZ, L. Construcionismo Social e psicologia social. In: MARTINS, J. (Org.). Temas em análise institucional e em construcionismo social. São Carlos: RIMA, 2002.

IÑIGUEZ, L. La psicología social en la encrucijada postconstruccionista. Historicidad, subjetividad, performatividad, acción. Conferência de abertura XII Encontro Nacional da ABRAPSO, Rio Grande do Sul, 2003.

KELLER, E. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? Cadernos Pagu, n. 27, p. 13-34, 2006.

KOLLER, S. H., NARVAZ, M. G. A marginalização dos estudos feministas e de gênero na Psicologia acadêmica contemporânea. PSICO Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 216-223, 2007.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

MACHADO, A. Serviço Social e educação popular: diálogos possíveis a partir de uma perspectiva crítica. Serviço Social & Sociedade. n. 109, p. 151-178, 2012.

MAILHIOT, G. Lewin: A obra e o homem. In: MAILHIOT, G. (Org.) Dinâmica e Gênese dos Grupos. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

MARSON, M. Da feminista "macha" aos homens sensíveis: o feminismo no Brasil e as (des) construções das identidades sexuais. Cadernos AEL, v. 3, n. 4, p. 69-110, 1996.

NARVAZ, M. A (in)visibilidade do gênero na Psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2009.

NOGUEIRA, C. Feminismo e discurso de gênero na Psicologia social. Psicologia & Sociedade, v. 13, n. 1, p. 107-128, 2001.

SCHIENBIENGER, L. O feminismo mudou a ciência? São Paulo: Ed. EDUSC, 2001.

SOIHET, R. Corpo feminino e formas de violência: discursos e práticas. In: SWAIN, T.; MUNIZ, D. (Org.) Mulheres em ação: práticas discursivas e práticas políticas. Florianópolis: Ed. Mulheres. BH: PUC Minas. p. 305-336, 2005.

SORJ, B. "O estigma das feministas". O Globo, p. 7. Publicado originalmente dia 13 de maio de 2005.

SPINK, M. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Editora Cortez, 2000.

_____. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.